

Luana Carvalho

O amor  
não mora  
na urgência  
do outro

academia

academia

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO - VENDA PROIBIDA

Luana Carvalho

**O amor  
não mora  
na urgência  
do outro**

academia



**academia**



Copyright © Luana Carvalho, 2024  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024  
Todos os direitos reservados.

Preparação: Fernanda Simões Lopes  
Revisão: Elisa Martins e Layane Almeida  
Projeto gráfico e diagramação: Renata Zucchini  
Capa: Renata Spolidoro  
Ilustrações de capa e miolo: DAPENHA

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Carvalho, Luana

O amor não mora na urgência do outro / Luana Carvalho ;  
ilustração de DAPENHA. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.  
208 p. ; il.

ISBN: 978-85-422-2865-6

1. Desenvolvimento pessoal 2. Relações interpessoais I. Título II. DAPENHA

24-3736

CDD 158.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Desenvolvimento pessoal

Ao escolher este livro, você está  
apoiando o manejo responsável  
das florestas do mundo

2024  
Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar - Consolação  
São Paulo - SP - 01415-002  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

***sangrar***

quando eu sangrar, por favor, não me limpe. deixe que meu corpo se cubra com o que escorre de dentro de mim e, se quiser, fique para ver. quem sabe assim você perceberia que muito do que sangra em mim é porque foi você quem me feriu. e talvez você veja o quanto te falta um pouco do próprio sangue nas mãos. eu tenho pena de você, não de mim. esta não é a primeira vez que sangro e, provavelmente, não será a última. mas é a primeira vez que convido alguém para me ver sangrando. é que, antes de você, a minha dor me envergonhava e eu poupei todo mundo que me fez sangrar de ver o tamanho do estrago que fizeram comigo. o que não me contaram é que depois de um tempo você se acostuma, mas não tolera. não me orgulho em admitir o quanto estou ferida por causa de você, mas também não me envergonho. quero mostrar

do que você é feito e do que você é capaz de fazer. você vivia dizendo o quanto eu exagerava no viver; eu falava exagerado, chorava exagerado, dançava exagerado, bebia exagerado, ria exagerado. é que aquilo que te falta é o que me sobra e meu exagero é a lembrança constante de tudo o que você não é. e, convenhamos, nunca será. eu não tenho mais medo de você, não me assusto mais com os seus gritos e, por isso, não me importo que você me veja neste estado. não vou mais te poupar de saber o quanto seu potencial de destruição é alto, e você não vai mais andar nas minhas encruzilhadas sem se lembrar do meu sangue. não tente esconder as gotas de sangue espalhadas pela casa, não se apresse em jogar água e deixar que ela lave a sujeira. o que eu sinto está tão marcado dentro de mim que você é incapaz de tocar na minha dor. até para sentir dor precisa de coragem, e é por isso que te chamei tantas vezes de covarde. diferente de mim, você é incapaz de assumir o que queima dentro do seu peito e eu não me sinto mais na obrigação de ser lenha para você queimar. quero que você se lembre e jamais se esqueça, ainda que eu sangre até a morte e do meu sangue só reste o rastro: você sempre será quem abandona e eu sempre serei quem renasce.

***A solidão é como uma faca de dois gumes***

Tem dias que saio por aí, andando sem rumo, ansiando que alguém note que dentro dos meus olhos vem acontecendo muita coisa. Caminho com pés lentos, margeando ruas que tanto conheço na esperança de que outro coração ouça que o meu já não bate como antes. Sinto que estou em queda livre, ainda que esteja firme no chão. Admito, nem tão firme assim; é como se meu corpo estivesse ali, mas minha alma já tivesse ido embora há algum tempo. E é nesse prelúdio que a solidão me acerta com força, me sinto vazia. Mas não é qualquer vazio que me acomete, é um que, num súbito movimento, brota na sola dos pés como raízes arcaicas e atinge em cheio o meu órgão mais vital. Calo-me diante da minha incapacidade de colocar pra fora o que me dói e sinto um furacão de lágrimas chegando como uma grande rajada de

vento. Este é o destino de toda mulher negra? Derramar mares pelos olhos sem que ninguém esteja lá para nadar também? O choro vem e vai, como em uma dança contemporânea do sentir e está feito o espetáculo da solidão. A mesma que ditou as regras e rédeas da vida das mulheres que me tornaram mulher. Minha avó, negra, forte e sozinha. Jogou-se (ou foi jogada?) no mundo antes mesmo de aprender a caminhar. Tempo é uma coisa que mulheres negras não têm, é na necessidade de sobreviver que a vida vai se formando. Minha mãe, negra, forte e sozinha. Pariu-me sem uma mão para segurá-la na hora da agonia; o milagre da vida acontecendo e a solidão é o que ritmava o meu primeiro choro. Nasci abrindo o berreiro, como diz minha avó. Meu choro ecoava forte, desconfio que já era o meu instinto chamando por quem não apareceu, na esperança de que alcançasse os ouvidos que já estavam fechados para me ouvir. Nem sempre senti solidão, tenho em mim forças ancestrais que movimentam meu corpo e minha alma há muito tempo; venho de um lugar onde a coletividade é sinônimo de amor. Minhas mãos são mãos de muitas outras e os caminhos por onde ando foram abertos por essas outras mãos. Tenho companhia no invisível e a certeza de que nunca ando só, mas a solidão insiste em me fazer companhia. Me falta alguém que me pergunte o que me pesa o peito, alguém de carne e osso como eu. Falta alguém que queira entender sobre esses mil universos de que sou feita e que também deseja me mostrar os outros mil universos a que pertence. Falo

de uma solidão que me assola os sentidos; se forja na viga que sustenta a casa da minha alma, tinge as paredes com uma cor indecifrável, deita-se em qualquer canto como se fosse a dona do lugar. É como uma sensação que nunca vai embora, abandono iminente que me cerca, um medo constante. Desconfio que o medo e a solidão nasceram juntos, assim como eu e meu destino. Temer a solidão já estando só é como esperar que o sol apareça em meio a uma tempestade. Toda mulher negra conhece o dilúvio e sabe que é impossível contê-lo, pois a origem dele mora dentro do nosso corpo, transbordando nossas dores. E é na hora da dor que uma mulher negra mais está sozinha, parece que essa é uma condição inerente, imposta. Houve momentos em que me orgulhei desse título, como se minha força fosse medida pelo quanto eu me sentia só. Enquanto meu íntimo sangrava sentindo na carne o peso que existe em se sentir sozinha neste mundo que já se faz hostil demais para mulheres como eu. Quando nenhum espaço te cabe e não sobra peito para fazer de lar, você acaba se acostumando com a ausência. E acha que ela que é o seu destino, predeterminado, imutável. Ter essa certeza desde muito pequena me fez acreditar que qualquer afeto oferecido a mim me custaria um preço, e, de certa forma, me entreguei demais muitas vezes quando tive de ser menos, refazendo aquela velha história a que eu tanto já estava acostumada. Ser menos tudo que eu era. Este é o destino de toda mulher negra? Ser amada com ressalvas? Com preço a se pagar? Maldita e bendita,



a solidão é dual, feito faca de dois gumes. Bailo entre duas emoções: a de me sentir só e a de enxergar na solidão uma oportunidade de estar comigo. Enquanto decido de qual lado dessa faca estou, uma pergunta baila dentro do meu peito, tão artilosa quanto a própria solidão, mas, diferentemente dela, chega como maré mansa, alastrando-se devagar na minha corrente sanguínea e me enfraquecendo os sentidos: como posso amar a mim mesma se não experimentei o amor de outro alguém?

academia



***Não deixe que qualquer alguém mergulhe em teus oceanos de coragem***

# academia

Ele sabia o que te provocava fogos de artifícios na sola dos pés e fazia nascer estrelas no lugar dos teus olhos? Ele sabia o que te provocava a fúria de mil oceanos e te fazia movimentar as mais profundas águas internas? Ele sabia o que te fazia voar por céus desconhecidos sem ter medo de passear pelas alturas?

E você ainda diz que era amor?

Você teve sede de todas as águas, sentiu fome de tudo o que a boca come. Precisou de um porto para abarcar, desejou um plano de voo que te permitisse voar. Quis fazer e ser companhia para outro par de asas traçar o próprio destino enquanto seus corações serviam de pista de pouso. Nele faltava ar, não tinha impulso. Você o ensinava a sentir a brisa do vento beijar as pálpebras, o agarrava

quando a insegurança se apossava do seu corpo trêmulo e até o colocou nas suas costas para que admirasse o seu voo enquanto ele não tinha coragem de usar as próprias asas. Você abriu seus braços querendo abraçar o céu inteiro enquanto ele se mantinha de braços cruzados se negando a tocar em qualquer pedaço de liberdade. E você pode até se perguntar se essa sua falta de medo em pegar com mãos cheias o que te torna livre não foi liberdade demais para ele lidar, pode até pensar que talvez você o tenha assustado com a sua pressa de viver, que a matéria do que você queria tocar era aquilo que ele fora incapaz de conseguir um dia enxergar. Nele, faltava tato. Não só para sentir o que estava se afogando dentro dele, mas também para te sentir fervendo ao lado dele. E assim ele te ensinou a apagar o fogo que nascia do meio das suas mãos e você aprendeu a fincar os pés na terra. Escondeu suas asas, parou de voar. Nunca matava de vez a sua fome e sede, apenas se saciava com o que ele queria te dar. Inverteram-se os papéis: em uma dança injusta, você passou a ocupar o lugar de aprendiz e ele ocupava, orgulhoso, o lugar de professor. Como se o amor fosse matéria para ele, tão pequeno, alcançar. Lá esteve você, com seus braços curtos de criança, tateando o abismo de paixões, querendo tocar em tudo que sua pequenez infantil alcançasse, sem medo, sem receio. Lá estava você. De novo. Ouvindo os ensinamentos que saíam de uma boca que nunca tinha experimentado o mel. Dessa vez, você tinha os braços grandes recolhidos, mal cabiam no seu corpo,

espremidos. Ninguém via as suas mãos já havia algum tempo, seus dedos pararam de querer tocar abismos. O medo, que nunca te fez companhia, passou a sentar do seu lado, como se fossem velhos companheiros de viagem. Você tinha os olhos insones e a boca seca, nenhum vento te passava pelo rosto já havia muito, nenhuma água te molhava a garganta. Você estava à míngua, passando fome de tudo o que o estômago tem fome, sem se alimentar do que preenche a alma. Logo você, que sempre foi altiva, que sempre correu gira mundo, que sempre teve léguas como destino. Você murchou, como as flores em um outono gélido. Mas já era primavera e você ainda não tinha florido, você estava seca como um tronco de árvore sem copa. Suas raízes tentaram resistir, racharam o chão cinza em que você estava fincada querendo achar uma saída, encontrar uma terra fértil para se firmar novamente. Mas algo te cortava os sentidos bem no meio. A cada nova rachadura que suas raízes faziam, mais um pedaço dos seus galhos vinha ao chão. Começou com as suas flores amarelas arrancadas e pisoteadas, depois veio a primeira poda. Era para te proteger, já imaginou ser tão grande a ponto de incomodar quem não quer te ver ocupando as alturas? De repente, você estava sem nada. O outono te secou de cima a baixo, você esperou o sol raiar e te fazer florir, mas a verdade é que nenhum sol te alcançaria se você continuasse ali. Depois vieram os cortes recorrentes. Ao menor sinal de folhas verdes, tinha início a tempestade de facões raivosos acabando com o vestígio

da sua luta para sobreviver. E eu sei que você acreditou que poderia fazer brotar amor de um terreno tão devastado. Você achou que, mostrando o quanto seu voo era livre, iria fazê-lo entender que também poderia voar. Você o convidou para ser pássaro e junto de você desbravar céus e oceanos. O que te sobrava faltava a ele. Coragem. E, então, ele fechou os olhos para a sua alma, se negou a enxergar do que você é feita e bebeu todo o seu instinto. Mas não se engane: ele só bebeu para cuspir depois, pois assim você e ele estariam finalmente no mesmo lugar. Ele sempre foi do tipo que precisa contar uma história na qual só ele tem espaço e você, convenhamos, é grande de tudo. Ele, covarde, se amedrontou. Diante de você, ele ficava ainda menor, reduzido. E você, grandiosa, colocou o seu lume em direção à pequenez dele, a fim de iluminá-lo. Tudo foi elevado à luz e você o enxergou à plena vista. Estava cara a cara com o vazio. Sua luminosidade o atravessou de dentro para fora, seus feixes o deixaram ainda menor e, com toda a sua coragem de encarar a vida, você viu o que ele tanto quis esconder. Tomou forma quase imediatamente; à medida que a sua luz ia ficando mais forte, menor ele ficava. Como um inseto perdido no meio do nada, ele tentou fugir e se esconder no escuro. A escuridão tinha um quê de abrigo para ele. Você, corajosa de viver, foi chegando mais perto, tinha pressa, precisava saber o que ele tanto escondia. E lá estava, o corpo trêmulo que você bem conhecia e te soava familiar, os olhos vacilantes ao encararem os seus olhos de farol, as mãos

vazias e preguiçosas de alguém que só tinha covardia para oferecer. O que se escondia dentro dele é um mal, o mau amor. Cultivado por homens que não sabem amar sem destruir, já que não conseguem suportar a grandiosidade de uma mulher, a devastam. Ele não sabia o que te fazia se sentir em chamas, nem sequer enxergava a profundidade do teu ser, pois ele era raso demais para se aventurar nos teus oceanos de coragem. Você sempre foi uma mulher de profundidades, sempre fez dos mergulhos a sua forma de viver. Então, por que insiste tanto em mergulhar de cabeça em rios escassos? Como a lua, você renasce periodicamente, mas, quando entrega sua luz para quem não tem medo de viver no escuro, suas fases sofrem uma estagnação. Paralisada, você não sobrevive. Seu corpo implora por movimento, pelos voos altos que só você é capaz de dar. Quanto mais você acredita que pode revolucionar corações preguiçosos, mais você perde o seu encantamento. E é injusto que você pague o preço por quem não quer amar com a força da vulnerabilidade. Quando você vai entender que é sagrada? As fontes daquilo que não podem te transbordar irão se car e você se vestirá de cheia. Quando isso acontecer, não tema a estiagem, serão os seus ciclos de lua te preparando para a fase em que você estará inteira. Inteira de você.